



XIV SEUR – III Colóquio Cidade e Cidadania

Consciência Ecológica frente a Racionalidade Capitalista: Moradores de Ocupações Anarquistas no município de Pelotas/RS

Kelvin Vasconcellos da Vara, UFPEL, kelvin.vasconcellos.7@gmail.com

Resumo

A seguinte pesquisa se refere a um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas, trabalho que busca conceituar o termo Autoeficácia Ecológica, através de uma análise das ocupações anarquistas do município de Pelotas/RS, assim como análise das vivências dos moradores dessas ocupação. Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as ações e motivações dos indivíduos adeptos a estilos de vida alternativos, que residem ou são colaboradores de três ocupações, ocupações que se movem através de ideais de diferentes vertentes do anarquismo, buscando identificar a existência ou não, da consciência ecológica nessas pessoas. Se analisará também como essas ações e vivências impactam os espaços onde esses indivíduos residem, atuam e influenciam. A metodologia trabalhada nessa pesquisa foi a etnográfica seguindo os subsídios teóricos de Ludke e André, que se baseia em uma descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo, para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas além de observação de práticas, ações, e vivências dos indivíduos analisados, após as transcrições de entrevistas o trabalho utilizou, para análise, a dialética hegeliana em conversa com a dialética marxista para chegar às últimas respostas desejadas para concluir este trabalho.

Palavras-chave

Ocupações Anarquistas; Consciência Ecológica; Racionalidade Capitalista.

Consciência Ecológica frente a Racionalidade Capitalista: Ocupações Anarquistas no município de Pelotas/RS

1.Introdução

Partindo do pressuposto que a racionalidade capitalista causa um grande mal estar (físico, mental e social) nas minorias representadas na sociedade, além de gerar e alimentar inúmeras problemáticas ambientais, mostra-se necessário discutir esta racionalidade que guia uma boa parcela das vidas dos seres humanos. Mostra-se necessário também, pensar em algo que contraponha-se a essa racionalidade.

Alguns grupos de indivíduos, embora ainda façam parte do mundo capitalista, procuram não alimentar ou alimentar o mínimo possível esse sistema, não contribuem para as inúmeras problemáticas ambientais, sociais e humanas que são geradas pela racionalidade discutida. Tais grupos se colocam ou são colocados à margem da sociedade do consumo, seja por diferença de ideias ou pelas desigualdades sociais. Para contrapor e repensar os valores, costumes, desejos, ações e comportamentos que são bases de um modelo de vida consumista (estabelecido como modelo a ser seguido pela sociedade), iremos discutir sobre as vivências, motivações e ações de indivíduos adeptos a estilos de vida alternativos, especificamente moradores e ex moradores de ocupações com princípios anarquistas encontradas no município de Pelotas/RS, buscando identificar consciência ecológica e política nas ações dessas pessoas.

Com o surgimento da cultura e sociedade moderna no final do século XV e a consolidação do modo de vida capitalista nos séculos XVIII e XIX, por meio do capitalismo comercial, política econômica do mercantilismo e/ou liberalismo, capitalismo industrial, política econômica estatal-desenvolvimentista e neoliberal, acentuaram-se intensamente as ações que causam transformações da natureza (PRADO, 2005, p. 85).

As relações e comportamentos humanos, anteriores a sociedade moderna capitalista-urbana-industrial, já ocasionavam crises ambientais, e como consequência dessas crises algumas civilizações desapareceram. Na Grécia, alguns escritos de Platão apontam elementos que configuram uma crise ambiental (NETTO, 2001). Duarte (2005, p.37-38) aponta que a ação humana gerou grandes impactos ambientais em diferentes momentos históricos e as transformações ocorridas alteraram paisagens e provocaram intensas explorações de recursos naturais, causando guerras por expansões territoriais em busca de recursos naturais.

Viola afirma que a conduta predatória não é uma atividade nova na história humana, não se restringe nem ao fim do século XIX e nem aos últimos dois séculos de industrialismo. O novo é a escala dos instrumentos predatórios de exploração e a lógica consumista, cujo símbolo máximo é o armamento nuclear, a descartabilidade dos produtos e relações dos seres humanos entre si e com a natureza, através da ruptura metabólica com o ambiente (VIOLA, 1987, p.1).

Segundo Bauman, na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro se tornar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável (BAUMAN, Z. 2008, p.20).

Nesse processo de lógica consumista, o século passado foi um dos mais atingidos e intensos da história humana, cujo marco referencial foi o ano de 1968. O emblemático ano é considerado um marco histórico de ascensão dos novos movimentos sociais (NMS) e desembocou em diversas manifestações e propostas de transformação de valores políticos e socioculturais, como aquelas ocorridas na França, e a Primavera de Praga, na antiga Tchecoslováquia, importantes marcos para construção de uma nova ordem cultural, um novo modo de vida. Durante esse processo, a juventude buscava uma utopia libertária e libertadora, a

realidade e a configuração da sociedade moderna e capitalista industrial era o paradigma dominante a ser combatido e superado (ESTEVAM, 2017).

Os movimentos contraculturais anticapitalistas tinham referências similares às do emergente movimento ecológico. Ambos eram anti-industriais, anti-consumistas e criticavam, amplamente, a racionalidade de uma sociedade que utilizava a ciência e a tecnologia para desenvolver e produzir armas de destruição em massa, bem como pesticidas que causavam impactos ambientais aniquiladores. Desta forma, o movimento ecológico político influenciou os movimentos contraculturais que tiveram na ética ecológica e naturista suas referências, argumentando sobre os benefícios do retorno às áreas de natureza preservada, nesse sentido, a industrialização e o crescimento econômico desencadeou frustrações com os governos e a crença de que somente a ação direta poderia, realmente, chamar a atenção para questões emergenciais e importantes não consideradas pela classe política-econômica dominante (PEREIRA, 2008, p.1).

Grupos contraculturais como ambientalistas, punks e anarquistas disputam e/ou socializam o território. Como citado anteriormente, as ações diretas são o ápice das disputas sobre territórios, não por uma lógica de conquista para aumentar seu poder, mas sim pela lógica de liberação e possibilidade de conscientização e autonomia dos habitantes daquele espaço, caracterizando um raciocínio que contraria a lógica do Estado, cunhado em definições ratzelianas¹. Saquet expõe que “A sociedade se transforma em Estado para garantir a posse e proteção dos recursos de que necessita, como solo, água e os alimentos” (SAQUET, 2015. p. 30). Assim, percebe-se que indivíduos pertencentes a esses grupos contraculturais fogem totalmente do modo operante estatal e de todos seus aparelhos repressores, que por natureza possuem características de soberania sobre o território nacional.

Nesse contexto histórico de fins dos anos 1960 e início da década de 1970, marcado pelo questionamento das, até então, sólidas estruturas sociais, políticas e culturais, surge o movimento ambientalista juntamente com o crescimento do movimento punk, hippie e anarquista, além de dezenas de outros movimentos contraculturais ascendentes na época, que começaram a dialogar entre si. No contexto acadêmico surge a Educação Ambiental e a História Ambiental, ocorre uma crescente nos estudos da Educação Libertária ao lado de outras vertentes do conhecimento voltadas para o estudo das inter-relações entre ser humano e natureza.

Como citado acima, o anarquismo enquanto movimento de massas, teve seu auge no século XIX e início do século XX. Muitas escolas construídas por anarquistas funcionaram durante esse período, assim como textos clássicos foram escritos nessa época, isso somado às imensas relações estabelecidas entre o movimento anarquista, o movimento ecológico e outros movimentos contraculturais ascendentes na época,

¹ O humano não é concebível sem o solo terrestre, ainda mais sem a maior obra do homem sobre terra: o Estado. O Estado é obrigado a viver do solo. Ele possui invariavelmente apenas as vantagens oferecidas por um solo que lhe é assegurado. É o que exprime a ciência política quando diz que o território pertence à essência do Estado. Ela designa a soberania como *jus territoriale* e estabelece a regra que as mudanças territoriais podem fazer-se apenas por leis (RATZEL, 2011).

faz necessário a análise dos trabalhos de Proudhon, Reclus, Bakunin, Kropotkin e Ferrer os colocando em diálogo com as produções do campo da Educação Ambiental e suas correntes, a naturalista de pensadores como Steve Van Matre, humanista de pensadores como Bernard Deham e Josette Oberlikels, feminista de Darlene Clover, etnográficas de Thierry Pardo, Michael J. Caduto e Joseph Bruchac, corrente da eco-educação de Gaston Pineau e principalmente a corrente crítica de autores como Chaia Heller e Alberto Alzate Patiño, além da proposta crítica de Edgar González-Gaudiano oferecendo uma visão integrada de preocupações econômicas, sociais e ambientais em uma perspectiva de sustentabilidade.

No início dos anos 1990, Guattari (1991) argumentou que para esclarecer as questões relativas à destruição do meio ambiente global e da ameaça à permanência humana no planeta, apenas uma articulação ético-política entre três registros ecológicos (do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana), ao invés de decisões tecnocrática, se mostraria útil. A essa articulação de Félix Guattari deu o nome de *ecosofia*. Segundo ele, é nessa perspectiva em que se encontram as novas problemáticas ecológicas, já que surgem a partir de questões como racismo, machismo e patriarcalismo os desastres do urbanismo. Possibilita então, um contexto de ruptura, descentramento, multiplicação dos mais diversos antagonismos e da produção de novas singularidades.

Guattari (1991) cita o dualismo homem-mulher e as diferentes formas de criação de machismo e resistência a ele, assim como a reivindicação de autonomia de algumas regiões europeias ligados à ecologia, também as diferentes formas de não-aceitação à subjetividade coletiva da mídia por parte dos jovens como no caso dos *punks e anarcopunks*. Essa referência ecosófica possibilitaria a indicação de linhas de recomposição das ações e hábitos humanos nos mais variados domínios, capaz de produzir subjetividades, indo na direção de re-singularização individuais e ou coletivas. Possibilitaria romper com ideais homogêneos, desvinculados de outras problemáticas mais singulares. Segundo Guattari (1991) esta é uma:

perspectiva que não exclui totalmente a definição de objetivos unificadores tais como a luta contra a fome no mundo, o fim do desflorestamento ou da proliferação cega das indústrias nucleares. Só que não mais tratar-se-ia de palavras de ordem estereotipadas, reducionistas, expropriadores de outras problemáticas mais singulares resultando na promoção de líderes carismáticos. (GUATTARI, 1991, p. 15).

Ao afirmar que, na proposta ecosófica, os indivíduos tendem e devem se tornar ao mesmo tempo solidários e mais diferentes, Guattari (1991) sugere o desenvolvimento de práticas específicas que tendem a modificação e re-invenção de maneiras de ser em casais, famílias, no trabalho, no urbano, na escola, que promovam “... um deslocamento generalizado dos atuais sistemas de valor e de aparição de novos pólos de valorização...” (GUATTARI, 1991, p. 52).

Frente ao capitalismo financeiro, pós-industrial, que ele mesmo qualifica de Capitalismo Mundial Integrado, o qual tende a se tornar cada vez mais imaterial devido à ênfase na produção de signos e subjetividades, constituente de agregados subjetivos maciços, ainda agarrados firmemente a ideias como raça, nação, corpo profissional, competição, virilidade dominadora e mídia, Guattari (1991) sugere que novas práticas ecológicas possam ser criadoras de vias singulares na vida cotidiana individual, doméstica, conjugal, e de vizinhança.

Guattari sugere práticas ecológicas que possibilitem a criação de singularidades, construídas em redes, tecidas a partir das mais diferentes relações e conexões, descentralizadas, autônomas, autogestionárias. Libertárias. O autor indica o diálogo entre diversos paradigmas como possibilidade à construção de uma sociedade socialmente mais justa e ambientalmente suportável. Que reinventem a formação dos sujeitos não a partir de centros hierarquicamente constituídos, mas de maneira não-linear, não-estruturalizada, de maneira a criar um “... movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividades...” (GUATTARI, 1991, p. 54).

Diante da problemática destacada, procurar-se debater algumas possibilidades de intercâmbio entre a Educação Ambiental e a Educação Libertária², partindo do pressuposto “ecosófico” considerando que ambas são potencializadoras de singularidades, já que buscam frequentemente a diferenciação como prática de resistência e tomada de decisões, por serem desenvolvidas em redes de saberes, supondo que a construção de conhecimento sempre se dá de forma coletiva, que envolvem o conceito de risco, por supor subversão e desconstrução de conceitos e representações.

2. Metodologia

Para a realização do trabalho foi usado um modelo de pesquisa qualitativa, seguindo os subsídios teóricos de Ludke e André (1986, p.13), que fazem uma discussão sobre pesquisa em educação a partir dessa abordagem. Apresentam-se dois tipos de pesquisa nessa área, a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. Originariamente desenvolvida na antropologia, a pesquisa etnográfica propõe-se a descrever e a interpretar ou explicar o que as pessoas fazem em um determinado ambiente (sala de aula, por exemplo), os resultados de suas interações, e o seu entendimento do que estão fazendo (WATSON-GEORGIO, 1988:576). Em outras palavras, esse tipo de pesquisa procura descrever o conjunto de entendimentos e de conhecimentos específicos compartilhado entre participantes que guiam seus comportamentos naquele contexto específico, ou seja, a cultura daquele grupo (HORNBERGER, 1994:688). Portanto, parece

² A educação libertária pode ser dar de muitas formas por ela pode ser uma subversão dentro do sistema tradicional (práticas, atividades, avaliações alternativas, participação dos alunos/famílias na gestão escolar, e principalmente conteúdos voltados à emancipação, como estímulo de projetos autônomos horta, gestão de biblioteca independente, entre outros) ou através de um sistema alternativo (escolas baseadas em pedagogias libertárias, construtivistas, freireanas, com funcionamento diferenciado) (GALLO, 1993).

consensual que a etnografia descreve a cultura de um grupo de pessoas, interessada no ponto de vista dos sujeitos pesquisados.

Neste trabalho foi utilizada a pesquisa etnográfica, que começou a se destacar no início da década de 1970. Até então, a etnografia era uma técnica de pesquisa quase que exclusivamente usada por antropólogos e sociólogos. Com o interesse dos estudiosos educacionais em utilizar as técnicas etnográficas, surgiu uma nova linha de investigação, denominada antropológica ou etnográfica. O uso da terminologia pesquisa etnográfica deve ser feita de maneira apropriada, de acordo com as referidas autoras “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo” (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 13-04).

Para coleta de dados, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Entrevista é uma técnica de coleta de dados muito utilizada pelos pesquisadores das ciências sociais, que desempenha um papel importante nos estudos científicos. Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a grande vantagem dessa técnica em relação às outras “é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”.

De acordo com Moreira (2002, p. 54), a entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente”. As entrevistas são aplicadas para que o pesquisador obtenha informações que provavelmente os entrevistados têm. Enquanto as entrevistas estruturadas são aquelas que apresentam um conjunto de questões, em que o pesquisador administra a cada sujeito na mesma sequência e usando as mesmas palavras, as entrevistas não estruturadas ou completamente abertas são aquelas que apresentam um número de questões, mas não são específicas nem fechadas. Se utilizou, nesta pesquisa, a entrevista semi-estruturada, situada entre os dois subtipos descritos. Há o momento das perguntas anteriormente determinadas, podendo ser as respostas relativamente livres. Caso haja a necessidade, o pesquisador pode acrescentar uma questão não prevista, dependendo das respostas dos respondentes.

Foi observado as práticas, ações e vivências de três ocupações, entrevistando seis pessoas, sendo duas de cada ocupação. Também houve o acompanhamento de ações externas a estes espaços, que foram organizadas por indivíduos desses espaços ou que tiveram a presença desses indivíduos como colaboradores. Para a análise dos dados foi utilizada a dialética hegeliana em conversa com a dialética marxista para chegar às respostas desejadas para concluir esta pesquisa. Dialética é um debate onde há ideias diferentes, onde um posicionamento é defendido e contradito logo depois. A dialética propõe um método de pensamento que é baseado nas contradições entre a unidade e multiplicidade, o singular e o universal e o movimento da imobilidade.

Segundo o filósofo alemão Hegel, a dialética é a lei que determina e estabelece a auto-manifestação da ideia absoluta. Para Hegel, a dialética é responsável pelo movimento em que uma ideia sai de si própria (tese) para ser uma outra coisa (antítese) e depois regressa à sua identidade, se tornando mais concreta.

Apesar disso, Hegel também afirma que a dialética não é apenas um método, mas consiste no sistema filosófico em si, porque não é possível separar o método do objeto, porque o método é o objeto em movimento.

Para a teoria marxista, dialética compreende a teoria do conhecimento, através dos filósofos Hegel, Marx e Engels. Para o marxismo, dialética é o pensamento e a realidade ao mesmo tempo, ou seja, a realidade é contraditória com o pensamento dialético. Para a dialética marxista, o mundo só pode ser compreendido em um todo, refletindo uma ideia a outra contrária até o conhecimento da verdade. Marx e Engels mudaram o conceito de Hegel, e introduziram um novo conceito, a dialética materialista, que dizia que os movimentos históricos ocorrem de acordo com as condições materiais da vida.

3.Desenvolvimento

Por motivos de segurança não serão identificados nomes e localizações das ocupações, assim como os nomes dos entrevistados, esses espaços assim como os indivíduos que os representam sofrem com preconceitos, repressões e perseguições, atualmente presenciaram um crescimento de todas essas problemáticas muito devido a realidade política do Brasil, que legitima ideologias racistas, homofóbicas, xenófobas, clasistas, opressoras e fascistas. Tendo em vista todos esses fatos, somados a embates violentos e jurídicos que vem assolando esses indivíduos nos últimos tempos, prevendo a preservação da integridade dos colaboradores deste trabalho, as ocupações e indivíduos terão seu anonimato respeitado e serão identificados neste trabalho por codinomes que representaram cada um desses espaços e indivíduos.

Para identificar a primeira ocupação a ser analisada, será utilizado o codinome Crass, Crass foi uma banda anarcopunk inglesa formada em 1977 que promoveu o anarquismo como uma ideologia política, maneira de viver e como um movimento de resistência. Crass popularizou o movimento anarco-punk, defendeu a ação direta, os direitos dos animais e o ambientalismo. A banda utilizou e defendeu uma abordagem “DIY” (faça você mesmo), produziu colagens de som, gráficos, discos e filmes (Christ: The Movie) por conta própria sem apoio de outras gravadoras. Crass também criticaram e tentaram subverter a cultura dominante, promovendo o anti-racismo, a antiguerra e a antiglobalização.

Por tudo que a banda Crass Representa, a primeira ocupação será chamada de Ocupação Crass, já que os ideias da ocupação fazem parte dos ideias dessa banda clássica do movimento. A Ocupação Crass é adepta aos ideias anarcopunks, existe a mais de quinze anos e tem uma trajetória densa cheia de perdas e conquistas. Por ser uma ocupação anarcopunk ela tem suas ações muito ligadas à música, sendo que o princípio deste movimento surge como uma vertente do movimento punk que consistia de bandas, grupos e indivíduos que promoviam políticas anarquistas. Apesar de nem todos os punks apoiarem o anarquismo, o pensamento tem um papel importante na cultura punk, e o punk teve uma influência significativa no anarquismo contemporâneo.

Essa questão musical ainda é presente, mas esses indivíduos não se prendem a só isso. Os primeiros contatos com a ocupação foi através de festivais musicais, mas nitidamente nunca pareceu só música, nas letras, nas conversas entre os públicos, nas falas, nas vestimentas e nas “decorações” do espaço, se notava nitidamente o quanto aquele espaço era diferente. As pautas, objetivos e motivações para um simples evento musical acontecer não era alcançar um lucro financeiro ou “curtir uma festa”, aquele era um espaço de debate, crítica, respeito às individualidades. Logo no primeiro contato se percebeu nessa ocupação um espaço que estava a se discutir assuntos como preservação de flora, direito dos animais, gênero e sexualidade, consumismo, machismo e desigualdades sociais, de uma forma muito natural e espontânea. Nas letras das músicas, nos patches das vestimentas, nas zines que eram compartilhadas, nas rodas de conversa, no simples momento de socialização, tudo que acontecia nesse espaço circulava por assuntos que tinham objetivo de causar reflexão.

Durante o restante das observações e entrevistas com os dois indivíduos desta ocupação foi sendo reforçado todo esse empenho em gerar debate e mudanças de comportamento dentro das concepções ideológicas de cada um, uma grande preocupação em fazer com que as ações do cotidiano fossem as mesmas dos princípios ideológicos, se preocupando em não manter a teoria apenas no campo das ideias. Durante esses encontros foi realizado um levantamento de algumas atividades e eventos organizados pela ocupação, essas atividades que ocorrem sempre de forma gratuita aberta a contribuição espontânea, passam por oficinas de capoeira, de artes circenses, ciclos de cinema e debate, oficinas de alimentação veganas, feijoadas solidárias, oficinas de compostagem, cisternas, tratamento de água, festivais musicais(às vezes com bandas/artistas internacionais), festivais artísticos, aulas de segurança pessoal, oficinas de biossegurança e autocuidado, entre outras atividades.

Ubert Lagardelle escreveu que Pierre-Joseph Proudhon tinha estabelecido as teorias fundamentais do anarco sindicalismo, através de seu repúdio tanto ao capitalismo como ao Estado, o seu desprezo do governo político, a sua ideia de liberdade e de grupos econômicos autônomos, a sua visão de luta, e não de pacifismo, como o núcleo da humanidade. As primeiras expressões da estrutura e métodos anarco-sindicalista foram formuladas na Associação Internacional dos Trabalhadores, ou Primeira Internacional, em particular na federação do Jura. A Primeira Internacional, no entanto, dividida entre duas tendências principais dentro da organização sobre a questão da política, e a da ação parlamentar; a ala anarquista representada por Mikhail Bakunin e a ala do Estado socialista representado por Karl Marx.

Tendo esses fatos em vista, a segunda ocupação analisada será identificada pelo nome Ocupação Proudhon em homenagem a um fundador do pensamento anarquista e anarco sindicalista. A Ocupação Proudhon está estabelecida na cidade a cerca de 5 anos, atualmente está estável, mas passou por muitos conflitos até conseguir se afirmar no local, um diferencial desta ocupação é o apoio que a mesma teve e tem da vizinhança, que participa e organiza ações juntamente com a ocupação, obviamente com algumas exceções. Neste espaço percebe-se a presença das ideias da vertente anarco sindicalista, nos moradores

desta ocupação pode-se perceber uma variedade maior de origens, ideias, idades e raças, as vestimentas não representam suas ideias, percebe-se a proposta da ocupação apenas após a conhecer, não é algo que fica explícito desde o primeiro contato, mas assim que se percebe ocorre um movimento de cascata que desencadeia a percepção de várias características que definem a ocupação como um lugar onde se procura trabalhar e atuar questões sociais, raciais, ambientais e artísticas, claramente o maior objetivo da ocupação é tornar o espaço um lugar de debate e conexões, onde diferentes pensamentos e realidades possam conversar e permitir uma reflexão que vá além da bolha social de cada indivíduo. Algo que se destaca é a forte presença de indivíduos vindos da periferia nesta ocupação, como visitantes, moradores e público de atividades, tendo em vista a grande proximidade deste espaço de zonas universitárias e mais elitizadas da cidade.

Matilde Magrassi veio da Itália junto com seu companheiro Luigi Magrassi, para continuar no Brasil as atividades anarquistas que já realizava em sua terra. Junto com o companheiro, integrou os primeiros grupos libertários e de teatro social, fundados pelos anarquistas no Rio de Janeiro. Morou no Rio de Janeiro e São Paulo na última década do século XIX e na primeira do século XX. Ajudou a fazer o jornal *Novos Rumos*, lançado em maio de 1905, e colaborou, entre outros, com o *Amigo do Povo* e *O Chapeleiro*, publicados em São Paulo em idiomas italiano e português.

Matilde fez intensa propaganda anticlerical e participou de algumas assembleias. Para o 1º de Maio de 1904, ela escreveu o texto “Emancipatevi!”, que o jornal *O Chapeleiro* inseriu em idioma italiano na sua terceira página. Neste texto, Matilde lança um grito de alerta às mulheres trabalhadoras para que se libertem do estigma de serem apenas donas de casa. Anos depois, Matilde Magrassi viajou com seu companheiro para a Argentina, começando por lá uma nova adaptação.

A terceira e última ocupação a ser analisada é formada majoritariamente por mulheres artistas, por este motivo, somado aos fatos citados acima, esta ocupação será identificada como Ocupação Magrassi. A Ocupação Magrassi existe desde o início do ano de 2019, e vem se mostrando muito ativa nos eventos culturais e políticos da cidade, esta ocupação é composta majoritariamente por mulheres de diferentes raças, e idades, sendo que todas trabalham com arte de alguma forma, essas mulheres fazem parte do movimento feminista da cidade, do estado e do país, sem empenhadas no ativismo feminista colaborando para eventos e atividades em várias localidades. Além das mulheres, neste espaço também residem crianças e alguns homens, que não são tão ativos nas ações, se comparados com as mulheres.

A Ocupação Magrassi se propõe a ser um espaço cultural, um espaço aberto a eventos artísticos, oficinas e rodas de conversas, abriga reuniões de planejamentos de ações, eventos e atividades. Esta ocupação está muito próxima a bolha universitária da cidade, as pessoas que residem no lugar tanto as que o visitam tem ou já tiveram vínculo com a Universidade Federal de Pelotas, isso faz com que o espaço abrigue esporadicamente eventos universitários, e se percebe nitidamente os pontos positivos e negativos desse aproximamento, a ocupação tem mais segurança jurídica por conta dessa ligação com a

universidade, mas também seus moradores sofrem perseguições por justamente a bolha universitária ter conhecimento das práticas ocorridas neste espaço, e de uma forma fácil, conseguir identificar os moradores da ocupação.

4. Conclusão

Após as observações, análise de entrevistas, acompanhamento de eventos/atividades/ações, é clara a existência de consciência ecológica, consciência de classe e política nos moradores e frequentadores dessas ocupações, mesmo que em alguns momentos os comportamentos e decisões não sejam de acordo com os princípios desses espaços e pensamentos presentes no mesmo, a autocrítica é algo constante, juntamente com a auto-gestão. Conflitos externos são constantes, assim como os conflitos internos, qualquer tipo de relação apresenta conflitos, o interessante que se percebe é a forma que se resolve esses conflitos, nenhum assunto é tido como verdade absoluta, assim como nenhuma discussão chega ao fim, o trabalho de desconstrução e reconstrução de valores e comportamentos são constantes nesses espaços, propositalmente, isso inclusive é um dos objetivos dessas pessoas.

Nesses espaços encontra-se indivíduos que buscaram se colocar à margem da racionalidade capitalista, suas motivações são muitas, mas a crítica ao sistema econômico capitalista é algo em comum em todas as ocupações e pessoas. Essas pessoas buscaram e buscam viver de uma forma alternativa, após uma reflexão sobre como o capitalismo e a sociedade do consumo dita a forma que as pessoas tendem a viver, ou melhor “sobreviver”. Esses indivíduos encontraram no estilo de vida alternativo uma forma de alcançar a felicidade, um bem estar, um autoestima, um caminho a se seguir, que permita uma noite de sono sem preocupações e pesos na consciência.

Os moradores e frequentadores dessas ocupações chegaram a seus estados atuais por caminhos variados, alguns são provindos de realidades privilegiadas, que ao terem contato com informações e conhecimentos de cunho crítico e social, não conseguiam ver sentido na vida, uma vida privilegiada às custas de classes miseráveis e exploradas. Esses indivíduos não conseguiram viver com essas realidades e desigualdades assolando suas mentes, largaram mão de suas vidas, suas estabilidades e privilégios, foram aprender a viver com o mínimo. Muitos relatam conhecer a fraternidade e amor na rua, em gestos simples de simpatia e cuidado, como de um companheiro de moradia na rua dividir seu único prato de comida do dia com um estranho. Os gestos carinhosos, a gratidão pelo simples fato de estar vivo, o companheirismo, a aceitação e solidariedade encontrada nessa realidade marginal e difícil, acompanhadas das lembranças de realidades privilegiadas onde a competição, o preconceito, interesse e intolerância ditavam as regras, deram a certeza para essas pessoas, que uma vida autônoma onde as preocupações são os desenvolvimentos pessoais e das relações com o outro e com o espaço seriam o caminho a se seguir. Ao invés de uma vida em busca da estabilidade material, o intuito dessas pessoas é uma vida em busca da estabilidade emocional e interna onde o próprio processo de buscar é o maior ganho.

Referencial:

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. BAKUNIN, Mikhail. **O socialismo libertário**; São Paulo: Global Ed., 1979.

CEBALLOS, G. **Mammal population losses and the extinction crisis**. Ehrlich PR (2002). Science 296:904–907.

DUARTE, Regina Horta. **História & Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ESTEVAM, Bread Soares. **Da crise ambiental ao despertar da consciência ecológica: Diálogos entre História Ambiental e Educação Ambiental**. Porto alegre. Revista do Lhiste, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

GALLO, Sílvio. **Politecnia em educação: a contribuição anarquista**. Pro-Posições, Campinas, vol. 4, n° 3, p. 34-46. 1993.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Parte II. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 208.

_____. **Princípios da Filosofia do Direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HORNBERGER, N.H. **Ethnography**. In: CUMMING, A. (Ed.). **Alternatives in tesol Research: descriptive, interpretive, and ideological orientations**. Tesol Quartely, Alexandria, v. 28, no 4, p.673-703, winter, 1994.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua: um fator de evolução**; tradução Waldyr Azevedo Jr. — São Sebastião : A Senhora Editora, 2009.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K. (1989) **Manuscritos econômico filosóficos e outros textos escolhidos**. Lisboa: Edições 70.

MARX, K. & Engels, F. (1977) **A ideologia alemã**. São Paulo, Grijalbo.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

PEREIRA, Elenita Malta. **Da Proteção à Natureza ao Desenvolvimento Sustentável: A Defesa Ambiental no Rio Grande do Sul**. Tempos Históricos, Marechal Cândido Rondon, Volume 15. 2º semestre, 2011. p. 117-153

PRADO, Daniel Porciuncula. **Por uma eco-história a partir do ambiente do Rio Grande do Sul**. In: ALVES, Revista do Lhiste, Porto Alegre, num.6, vol.4, jan/dez. 2017|156

PROUDHON, Pierre-Joseph. **A propriedade é um roubo**. Porto Alegre: L&PM, 2014. RATZEL, Friedrich. **Espaço e Tempo**. cap 1. GEOUSP, São Paulo, N° 29, 2011

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental**. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. (Orgs.). *Educação Ambiental - pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAQUET, Marco Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras expressões, 2015.

SENAC. **Teleconferência: Perspectivas e Desafios da Educação Ambiental**. André Trigueiros (entrevistador); Aristides Arthur Soffiati Netto; Carlos Frederico Bernardo Loureiro. Produção SENAC Departamento Nacional, Rio de Janeiro, 2001a.

SENAC. **Vídeo Série Educador Ambiental - Educação Ambiental: uma viagem pela história**. Produção SENAC. Departamento Nacional, 2001b.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. 3 ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2016.

VIOLA, Eduardo J. **O Movimento Ecológico no Brasil (1974 – 1986) Do Ambientalismo à Ecopolítica**. Working Paper 93, April, 1987. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_03/rbcs03_01.htm>. Acesso em: 10 Dezembro 2018.

WATSON-GEORGIO, K. A. **Ethnography in ESL: defining the essentials**. Tesol Quartely, Alexandria, v. 22, no 4, p.575- 592, dec. 1988.